

A suástica no coração da América: a disputa por domínios entre Alemanha e Estados Unidos no Paraguai (1942-1943)

PROF. DR. WILSON MASKE - FIC/PUC-PR

No presente trabalho pretende-se analisar a inserção do Paraguai no contexto internacional da Segunda Guerra Mundial, assim como sua inclusão na disputa entre Alemanha e Estados Unidos por áreas de influência na América do Sul, durante os primeiros anos da década de 1940. Tratar-se-á também, do papel que missões e organizações religiosas protestantes desempenharam nessa disputa. O tema é parte das discussões referentes à conexão nazismo e protestantismo que foi objeto de estudo em minha tese de doutoramento, defendida em 2004.¹

No tocante ao tema do relacionamento dos países da América do Sul com as potências totalitárias da Europa, geralmente os casos do Brasil, da Argentina e do Chile, são os mais estudados, ainda que não de forma conclusiva. O Paraguai, por ser caracterizado como um país marginal e isolado no centro do continente sul-americano, escapou de maiores estudos e análises em relação ao seu envolvimento no grande conflito mundial. Em função disso, o importante confronto histórico que antagonizou Alemanha e EUA, na colônia agrícola Fernheim, no norte do Paraguai, não fora convenientemente estudado. Esse confronto foi mais um confronto ideológico, do que propriamente militar e não resultou em centenas de mortos e feridos. Foi um embate entre colonos nazificados, apoiados pelo Terceiro Reich e colonos liberais, apoiados pelos Estados Unidos, e que resultou em 1943 na expulsão dos líderes nazistas. Esse evento talvez reflita e antecipe em pequena escala no Paraguai, o que iria acontecer dois anos mais tarde na Europa, qual seja, a derrota do fascismo.

O Paraguai, assim como Brasil, Argentina e Chile, recebeu um grande contingente imigratório alemão desde meados do século XIX. Esses imigrantes, formaram uma minoria importante, que tinha grande atuação no cenário econômico paraguaio, como comerciantes, industriais e principalmente, agricultores. Ainda que fossem bem integrados na sociedade paraguaia, continuavam a manter escolas e instituições mutuais próprias, além de grande intercâmbio com a Alemanha, por meio da embaixada alemã e de contatos individuais. Eram bem vistos e admirados pelo governo e pela população em geral e considerados elementos que poderiam ajudar a desenvolver e “civilizar” o Paraguai, de acordo com o pensamento corrente na época.² Nesse contexto, o Paraguai começa a ser sondado a partir de 1920, para ser o centro

¹ MASKE, 2004.

² BERGMANN, 1994.

de uma grande imigração de uma categoria diferente de imigrantes alemães: os menonitas.

Os menonitas são um grupo protestante rigoroso, originário da Reforma Protestante do século XVI, extremamente conservador e sectário em termos religiosos, mas progressista e bem articulado em termos econômicos e sociais. Por definição eram apolíticos e pacifistas, a ponto de serem objetores de consciência, se recusando a prestar serviço militar compulsório. Suas opções políticas, ou apolíticas, lhe causaram mais perseguição do que suas convicções religiosas, a ponto de migrarem diversas vezes por vários países da Europa. Depois de 1870, suas principais bases eram a Rússia, os Estados Unidos e o Canadá, mas sua língua permaneceu o alemão e se identificavam etnicamente como alemães, mandavam seus filhos estudarem em escolas e universidades na Alemanha, ainda que a maioria não tivesse mais direito à cidadania daquele país. Em função de suas peculiaridades, começaram a ser perseguidos no Canadá, por se recusarem a mandar seus às escolas públicas de língua inglesa, e depois na Rússia por serem contrários ao comunismo. Nos anos 1920, houve uma grande movimentação de menonitas no mundo para encontrar um país que não os perseguisse e permitisse que mantivessem seu tratamento especial. Vários países abriram suas portas para recebê-los, ainda que não concedessem os privilégios especiais almejados, entre eles, o Brasil, onde se instalaram primeiramente em Santa Catarina e depois, no Paraná e no Rio Grande do Sul. O México também recebeu um contingente considerável, mas foi no Paraguai que a recepção foi mais significativa. Seus filhos estavam livres da prestação do serviço militar, podiam administrar livremente suas escolas, suas colônias e seus empreendimentos e o alemão se tornou a língua oficial nas colônias, desde que o espanhol constasse como disciplina no currículo escolar. Além disso, haveria uma isenção temporária na cobrança de impostos, com o objetivo de facilitar e fomentar o processo inicial de desenvolvimento econômico. Mas já estamos falando dos anos 1930 e a economia mundial estava em crise, inclusive no Paraguai. Com isso, a instalação das colônias e a adaptação dos menonitas sofreram muitos percalços, tanto por dificuldades financeiras, quanto por estranhamento dos colonos com o ambiente natural do Paraguai, quente e muito seco. Muitos se sentiam desmotivados e culpavam a liderança religiosa que se envolvia em questões econômicas das quais pouco entendiam, muitas vezes com resultados desastrosos. As colônias menonitas funcionavam como uma comuna, onde a propriedade individual era permitida, mas a administração ficava a cargo de um diretor escolhido por uma assembléia de moradores, composta por proprietários ou não, que controlava toda a vida “secular” comunal. Ao lado dessa assembléia, havia um conselho religioso, composto por

presbíteros, anciãos e pastores que controlava teoricamente apenas a vida “espiritual”, mas que na prática controlava toda a comuna.

Obviamente havia uma oposição à atuação dos pastores, representada principalmente, no caso de Fernheim, pelos professores da escola secundária. Na década de 1930, muitos desses professores haviam sido financiados pela comuna local ou pelo governo alemão para concluir seus estudos superiores em universidades na Europa e foram fortemente influenciados pelo pensamento nacional-socialista em ascensão nesse período. De volta ao Paraguai, eles começam a organizar o sistema escolar de Fernheim de acordo com os princípios radicais do nazismo, o que naquele período (1938) ainda não causa uma oposição decisiva, por que não se sabia ainda que os nazistas seriam capazes de realizar tudo o que prometiam. De qualquer forma, a reforma do sistema escolar foi bem sucedida e o grupo de professores passou a gozar de uma boa acolhida por grande parte dos membros da assembléia comunal, a ponto de um dos professores ter sido eleito para o cargo de diretor da colônia. É a tomada de poder pelos nazistas em Fernheim. O grupo de pastores começa a perceber a natureza do poder ao qual a colônia deveria ser submetida. Percebem claramente que os princípios da ideologia política que adentrou na comunidade que se pretendia apolítica e era flagrantemente contrária aos princípios religiosos que davam justificativa à sua própria existência. O militarismo, o nacionalismo racial, o controle total do Estado sobre os cidadãos da colônia são incoerentes com o cristianismo que fundamenta a irmandade menonita. E assim começam a organizar a resistência contra o domínio totalitário em sua comuna.

Rapidamente, os cidadãos de Fernheim são alistados como membros da Liga dos Alemães do Paraguai, conectada com as células nazistas existentes no país. Essa liga representava os alemães e descendentes no Paraguai junto à embaixada alemã e também em relação ao governo paraguaio. Era o órgão representativo do grupo e tinha uma atuação dinâmica em diversas áreas e bom trânsito nos ministérios paraguaios, no exército, na presidência da república, na embaixada alemã e nos meios empresariais e bancários. Calcula-se que eram seus membros cerca de 50.000 indivíduos em todo o Paraguai. E as fontes falam de uma grande movimentação para um repatriamento em massa para a Alemanha depois de vencida a guerra. Talvez essa seja a verdadeira razão dos menonitas em se aproximar da liga, pois muitos elementos demonstraram interesse em receber a cidadania alemã para poderem partir para a Europa, principalmente quando se depararam com as dificuldades de adaptação no Paraguai.

Mas havia um outro espectador atento à movimentação dos alemães no Paraguai, além do próprio governo paraguaio: o chefe da legação dos Estados Unidos.

O papel que as minorias alemãs desempenharam em alguns países europeus a favor das reivindicações de Hitler, fez os americanos presumirem que o mesmo poderia acontecer na América Latina, onde alguns países possuíam minorias alemãs consideráveis e que poderiam servir de base de apoio para uma tentativa expansionista da Alemanha.

Em função disso, o governo de Franklin Roosevelt iniciou uma discreta campanha de observação sobre os cidadãos de origem alemã, em especial em países nos quais os alemães fossem uma minoria considerável, como era o caso do Paraguai. O plano tinha por objetivo vigiar as atividades de uma possível quinta coluna, assim como proteger os interesses norte-americanos em um território considerado vital para sua auto-defesa e onde se poderia obter muito mesclando pressão política com ajuda econômica. A criação do Export-Import Bank foi uma das estratégias adotadas pelo governo dos Estados Unidos, tendo em vista as crônicas demandas por capitais oriundas dos países latino-americanos.³

O Paraguai somente seria fonte de preocupação norte-americana depois de 1938. O embaixador Howard, no Paraguai desde 1935, acreditava, como muitos, que Hitler era algo passageiro e que ele não teria coragem de enfrentar as potências ocidentais. Mas a absorção da Áustria e a ocupação da Tchecoslováquia fez despertar não apenas a suspeita dos aliados ocidentais, mas também a simpatia de muitos dos descendentes de alemães espalhados na América do Sul, que mesmo não sendo nazistas de convicção, aplaudiam a uma Alemanha ainda há pouco derrotada e que agora negociava em pé de igualdade com França e Inglaterra, que haviam-lhe imposto o Tratado de Versalhes há apenas vinte anos.

A chegada do general Estigarribia à presidência da república paraguaia foi recebida com simpatia pelo governo dos Estados Unidos. A figura do herói da Guerra do Chaco era bem vista em Washington, mas não seu entorno. A Terceiro Reich era muito bem visto em vários setores do exército, do ensino superior e da classe política e tinha uma ativa movimentação propagandística no Paraguai. Já se havia detectado uma grande penetração de idéias radicais nacional-socialistas na imprensa paraguaia. O anti-semitismo, a exaltação do nacionalismo, os agrupamentos fascistas e nazistas, os discursos de alguns militares, o bom relacionamento da legação alemã com grupos políticos locais, a doação de marcos alemães para propaganda, o descrédito em que estavam assentados idéias e políticos liberais pareciam elos de uma mesma corrente que ligava Assunção a Berlim.

³ SEIFERHELD, 1986, 158.

Segundo as fontes americanas, havia um ar de conspiração pairando sobre Assunção. O plano da Alemanha tinha método e sabia seus objetivos, segundo os americanos. Os Estados Unidos, por seu turno somente poderiam reagir a fatos reais. As coletividades de origem alemã e italiana superavam em muito as outras comunidades de estrangeiros, como as anglo-francesas. Além disso, estavam mais integradas à vida paraguaia do que as últimas. O comércio indireto com a Alemanha era muito importante para o Paraguai, maior do que o realizado com os Estados Unidos. Assim, para os norte-americanos, o Paraguai era um dos terrenos mais férteis na América do Sul para a divulgação dos ideais totalitários.

De fato, a preocupação dos Estados Unidos sobre o futuro do Paraguai foi ampliada após a morte trágica de Estigarribia (morto em um acidente aéreo cercado de suspeitas). Uma prolífica documentação encaminhada pela legação americana a Washington demonstra a grande preocupação com os destinos do país.

Um documento dos arquivos do FBI, datado de novembro de 1940, sintetizou para o Departamento de Estado, os antecedentes da presença nacional-socialista no Paraguai. Segundo o relato, em 1938 o governo paraguaio havia solicitado um empréstimo ao Export-Import Bank para a construção de uma rodovia. Ao mesmo tempo, Estigarribia, presidente eleito paraguaio, recebeu uma oferta de representantes do governo alemão ou de fontes alemãs para proporcionar a verba necessária para a construção da estrada, sem custos para o governo paraguaio, desde que cinco mil famílias alemãs do interior do Paraguai pudessem ser assentadas ao longo da mesma.⁴

Pouco depois, segundo o documento, Estigarribia teria se tornado ditador e explicado aos representantes norte-americanos que era “totalmente pró-americano e que não podia afastar o grupo de pró-germânicos muito próximo do núcleo de poder, sem o exercício do governo autoritário”.⁵ O grupo pretendia estabelecer quartéis alemães no Paraguai, de onde poderiam operar em toda a América do Sul, segundo os americanos. É citado ainda que o grupo era liderado por um homem chamado Mandel, que havia sido convertido em agente alemão. Estigarribia ordenou a expulsão de Mandel e de seu grupo ao país e como resultado, a vida do militar foi ameaçada. Pouco depois, Estigarribia e sua esposa morriam em um estranho acidente aéreo. Dois dias depois dos funerais do general Estigarribia, Mandel e seu grupo voltavam ao Paraguai.

O mal-estar e o pânico dos funcionários norte-americanos causado pelo dinamismo nazista no Paraguai foi muito exagerado, como depois seria demonstrado.

⁴ SEIFERHELD, 1986, 160.

⁵ Idem.

Mas naquele momento no qual o panorama de guerra era francamente negativo para as democracias ocidentais, tal comportamento era bastante admissível. Percebe-se que muitas vezes os norte-americanos confundiam ações de particulares com ações do governo alemão. Quando comparamos a documentação alemã com a documentação americana, percebemos que os americanos quase beiram a histeria e viam um complô nazista em cada esquina de Assunção. Na verdade, a documentação alemã mostra que a legação tentava até controlar a euforia nazista dos teuto-paraguaios, aconselhando-os a diminuir suas atividades, que voltassem para seus afazeres profissionais, que não se envolvessem com grupos políticos nativos, que a melhor forma de ajudar a Alemanha era não atrair a atenção para eles, que evitassem dar motivos para a perseguição política, que a Alemanha não estava em condições de atuar militarmente na região e que um retorno em massa para a Alemanha naquele momento era impossível. Expressavam ainda que o único interesse real da Alemanha no Paraguai era que o país mantivesse uma política de neutralidade, para o bem estar da população de origem germânica local.

De qualquer forma a legação americana continuou em polvorosa. Em função da grande quantidade de instituições mantidas e freqüentadas por teuto-paraguaios, como o Hospital Alemão, o Colégio Alemão e diversos clubes esportivos, a simples existência deles era um motivo para os americanos verem uma conspiração internacional ocorrendo no centro da América do Sul. Com a chegada de Morínigo, sucessor de Estigarribia, ao poder no Paraguai, os americanos não se acalmaram, pois esse presidente tendia a ser indiferente à atuação dos propagandistas nazistas no país, ainda que não fosse simpático ao nazismo. No entanto, Morínigo rompeu relações diplomáticas com o Eixo em 1942, mas diferentemente de Vargas no Brasil, não impôs uma política de nacionalização aos descendentes de alemães no país, mas proibiu terminantemente qualquer atividade do grupo nazista.

A legação americana permaneceu vigilante. Qualquer atividade nazista deveria ser detectada. Nesse ínterim os americanos descobriram as colônias menonitas do Paraguai. Em especial a colônia Fernheim logo foi apontada como um núcleo nazista. O contato dos americanos com aquela colônia se dava através de jovens voluntários americanos, de religião menonita, que atuavam nas colônias.

Como sabemos, os menonitas são objetores de consciência. Isto significa que os jovens em idade de prestar serviço militar eram teoricamente obrigados a ir contra os princípios do pacifismo doutrinal de sua religião. Em alguns países, como os EUA, chegou-se a uma fórmula que contentava às duas partes: os jovens prestavam um serviço alternativo, no qual atuavam em obras sociais. Assim, um jovem dentista menonita poderia passar um ou dois anos trabalhando para uma organização

filantrópica americana em qualquer lugar do mundo e cumprir seus deveres militares. Dessa foram, muitos jovens americanos foram prestar auxílio nos esforços de construção e fomento das comunidades menonitas no Paraguai. E não passou despercebida a eles, a adesão militante de Fernheim ao nazismo, do que a embaixada americana foi rapidamente informada. Assim, os jovens americanos não só atuavam como profissionais na colônia, como também eram vigilantes dos interesses americanos no local. Passado algum tempo, começaram a dar apoio logístico ao grupo de pastores que se opunha à liderança nazista, através da legação americana, que pressionava o governo paraguaio a intervir militarmente na colônia. Por fim, em função das pressões externas (governo paraguaio, legação americana, organizações menonitas americanas), a assembléia da colônia achou por bem destituir a liderança nazista e pedir que ela se retirasse da colônia em 1943.

A experiência de confronto por domínios no Paraguai se refletiu mais na tentativa dos Estados Unidos de expelir o que consideravam ser uma conspiração alemã na América do Sul, sua área de influência. Na verdade, o evento se caracterizou mais por uma atuação de certos elementos locais favoráveis à ideologia nazista, muitas vezes sem a real intenção de promover uma adesão local ao Eixo. Essa atuação levou o governo americano, em especial, seus representantes no Paraguai, e em outros países da América do Sul, a ver as populações locais de origem germânica, indistintamente como aderentes e participantes de uma grande conspiração mundial totalitária.

Referências Bibliográficas e Fontes:

BERGMANN, Günther. *Auslandsdeutsche in Paraguay, Brasilien und Argentinien*. Mainz: Westkreuz, 1994.

BRACHER, Karl Dietrich. *The German Dictatorship: the origins, structure and effects of National Socialism*. New York: Praeger, 1970.

CHASTEEN, John Charles. *América Latina: uma história de sangue e fogo*. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

CHAVES, Julio César. *Compendio de Historia Paraguaya*. Asunción: Carlos Schauman Editor, 1988.

GUNTHER, John. O drama da América Latina. Rio de Janeiro: Pongetti Editores, 1943.

KLASSEN, Peter. Deutsch-Völkische Zeit in der Kolonie Fernheim, Chaco, Paraguay 1933-1945. Bolanden-Weierhof: Mennonitischer Geschichtsverein, 1990.

KLASSEN, Peter. Kaputi Mennonita: Arados y fusiles em la Guerra del Chaco. Asunción, s/ed., 1996.

MASKE, Wilson. Entre a suástica e a cruz: a fé menonita e a tentação totalitária no Paraguai 1933-1945. Curitiba: Tese de Doutorado-UFPR, 2004.

PECEQUILO, Cristina S. A Política Externa dos Estados Unidos: continuidade ou mudança? Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

SEIFERHELD, Alfredo. Nazismo y Fascismo em el Paraguay. Asunción: Editorial Histórica, 1986.

STACKELBERG, Roderick. A Alemanha de Hitler: origens, interpretações, legados. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2002.

THIESEN, John D. Mennonite and Nazi? Attitudes among mennonite colonists in Latin América, 1933-1945. Kitchener, Ontário: Pandora Press, 1999.

WILHELMY, Herbert. Deutsche Ackerbausiedlungen im südamerikanischen Grasland, Pampa und Gran Chaco. Wissenschaftliche Veröffentlichungen nr. 6. Leipzig: Deutsches Museum für Länderkunde, 1938.